

O “estar sendo” em *Ponciá Vicêncio*: identidades em trânsito

Maiane Pires Tigre Rocha
Inara de Oliveira Rodrigues

Submetido em 11 de setembro de 2016.
Aceito para publicação em 25 de julho de 2017.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 54, outubro de 2017. p. 220-233

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Segunda-feira, 23 de outubro de 2017
20:59:59

O “ESTAR SENDO” EM PONCIÁ VICÊNCIO: IDENTIDADES EM TRÂNSITO

THE "BEING IN PERFORMANCE" IN PONCIÁ VICÊNCIO: IDENTITIES IN TRANSIT

Maiane Pires Tigre Rocha¹
Inara de Oliveira Rodrigues²

RESUMO: O objetivo central do trabalho consiste em investigar, em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo (2013), a constituição de uma identidade que resulta do constructo inconcluso de infinitos trânsitos socioculturais. Para tanto, apresentam-se: 1) os principais contornos das discussões teóricas que permitem reconhecer essa narrativa literária como afro-brasileira, articulando-se os sentidos da afro-brasilidade com as questões assentadas na problemática identitária; e 2) coloca-se em relevo a trajetória da protagonista, problematizando-se sua configuração identitária de acordo com o pensamento crítico na esteira do pós-colonial, passando-se por injunções do decolonial e afirmando-se as reflexões contraepistemológicas como fundamentais no processo de resistência dos sujeitos subalternizados. Em conclusão, questionam-se as fissuras intrínsecas do processo histórico e familiar vivido por Ponciá enquanto determinantes na sua constituição identitária.

PALAVRAS-CHAVE: romance afro-brasileiro; identidade; Estudos Culturais.

ABSTRACT: The main objective of this work is to investigate, in Ponciá Vicêncio, by Conceição Evaristo (2013), the constitution of an identity that results from the inconclusive construct of infinite sociocultural transits. In order to do so, we present: 1) the main contours of the theoretical discussions that allow us to recognize this literary narrative as Afro-Brazilian, articulating the meanings of Afro-Brazilian with issues based on the identity problematic; and 2) highlights on the trajectory of the female protagonist, problematizing her identity configuration according to critical thinking in the aftermath of the postcolonial, also tackling decolonial injunctions and asserting counter-epistemological reflections as fundamental in the process of resistance by subalternized subjects. In conclusion, we question the intrinsic fissures of the historical and family processes underwent by Ponciá as determinants in her identity constitution.

KEYWORDS: Afro-Brazilian novel; identity; Cultural Studies.

1. Introdução

O panorama da história das civilizações no mundo foi profundamente alterado quando se iniciaram grandes eventos envolvendo o contato de grupos heterogêneos: o colonialismo foi um deles. O mundo, até então restrito a uma faixa de terra, tornou-se um “vasto mundo”, ampliado ainda mais na interminável teia de fluxos migratórios que

¹ Mestra em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Ilhéus-BA), membro do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC). E-mail: maiane.tigre@hotmail.com

² Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Ilhéus-BA). Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC). E-mail: inarabr@uol.com.br

consubstanciariam trânsitos culturais, políticos e regionais em vários níveis. Gilroy (2001) recorta esses lócus transatlântico, alcançando para o mundo Atlântico a consagrada teorização de Atlântico negro, o lugar da continuidade no encontro de águas que marcavam ao mesmo tempo o início/fim da aquisição e o conjunto de perdas culturais. Inaugurava-se, então, um trânsito identitário interminável: a travessia pelas fronteiras ontológicas do ser e do espaço territorial e, com isso, a colonização de solos, mentes e corpos.

Tutikian (2014), ao tratar da temporalidade específica da cultura, bem como da literatura de matriz africana, em face do complexo fenômeno da constituição identitária do sujeito, divisa as categorias de ser e “estar sendo” para definir a configuração da identidade como um processo ininterrupto, desencadeado por fatores de inclusões/exclusões, que subordinaram as identidades, na viração das décadas, aos contextos ideológicos e culturais coloniais. Considerando-se essa perspectiva de Tutikian (2014), intenta-se problematizar, no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2013), sentidos de representação identitária, reconhecendo, assim, essa narrativa literária como integrante da literatura afro-brasileira.

Acredita-se que as rupturas tematizadas na obra literária em destaque são representativas de uma violência ao signo identitário do sujeito narrado, fazendo com que a protagonista transite por múltiplas plataformas identitárias. Assim, o objetivo central desta proposta de pesquisa consiste em investigar, no romance referido, a constituição de uma identidade em vias de formação, que não é, ou doravante será, mas que resulta em um constructo inconcluso de infinitos trânsitos socioculturais.

Para tanto, apresenta-se, em um primeiro momento, os principais contornos das discussões teórico-conceituais que permitem esse reconhecimento de *Ponciá Vicêncio* como romance afro-brasileiro. Sequencialmente, ainda nesse primeiro tópico, articulam-se os sentidos da afro-brasilidade com as questões fundamentais assentadas na problemática identitária.

No segundo e decisivo momento do trabalho, desenvolve-se propriamente a análise do romance de Conceição Evaristo, colocando-se em relevo a trajetória da protagonista a partir da problemática de sua configuração identitária. Nesse viés, articula-se o pensamento crítico na esteira do pós-colonial, passando-se por injunções do decolonial e assumindo-se a necessidade de reflexões contraepistemológicas como elementos fundamentais no processo de resistência dos sujeitos subalternizados.

Desse modo, afirma-se como pressuposto que as narrativas afro-brasileiras, ao representarem identidades fraturadas, captam, nos códigos culturais, aspectos estéticos correlacionados à língua, à tradição, ao sistema econômico, à configuração do poder-saber do país. Não se trata, entretanto, de essencializar tais narrativas ou de abordá-las como campos livres de contradições, conciliando o inconciliável; ao contrário, conforme afirma Matta (2014, p. 39): “a construção da identidade, mesmo a literária, é o resultado da dialética tensão entre o mesmo e o outro”. Analisam-se, portanto, os processos de resistência cultural, mediante as experiências de exclusão sofridas por Ponciá, deflagradas pelas relações de poder assimétricas problematizadas na obra literária.

2. Literatura afro-brasileira e identidade

História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém

segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens.

Mia Couto

Considerando-se o *corpus* desta análise, torna-se relevante apresentar uma definição sobre os conceitos de literatura negro-brasileira e afro-brasileira, à luz de Cuti (2010), Duarte (2008) e Evaristo (2011), compreendendo as ambiguidades e inflexões teóricas que os envolvem. De acordo com Cuti (2010, p.34-35), na literatura negro-brasileira, via de regra, encontra-se “a eliminação da personagem negra através do fatídico destino reservado ao negro: ou ele morre ou a sua descendência clareia”, além do enfoque a uma série de patologias, na ordem do desajustamento psíquico e moral, sexualidade desenfreada, do esteticamente feio e ingênuo. Tal fato pode ser comprovado em *O mulato*, de Aluísio de Azevedo, quando o protagonista morre, e paralelamente em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, na qual a personagem enlouquece. Apesar de tais distorções, fica implícita, na literatura brasileira, a presença do “racismo “cordial”, na expressão de Cuti (2010), uma prática tácita de rejeição contra as populações negras, levando à falsa conclusão da inexistência da discriminação racial. Esse tipo de racismo “é a modalidade mais específica de relacionamento racial”, na expressão de Florestan Fernandes (1972 apud SCHWARCZ, 2006, p. 13).

Para Cuti (2010, p. 39), o termo afro-brasileiro corresponde a uma “expressão cunhada para a reflexão dos estudos relativos aos traços culturais de origem africana, elaborados no território brasileiro, a partir de influências literárias locais”. Assim, ao se utilizar o vocábulo afro-brasileiro, o racismo é parcialmente tirado da cena, já que “o prefixo afro abriga os não negros, pessoas as quais o racismo não atinge” (p.38), em virtude de existir africanos de cor branca e, desse modo, “independência da presença do indivíduo de pele escura, e, portanto, daquele que sofre diretamente as consequências da discriminação” (CUTI, 2010, p.39). Entretanto, a ideia central é que esta literatura possa assegurar a dicção artística dos discriminados, incluindo, de modo especial, o(a) autor(a) negro(a) e suas vivências.

Segundo Cuti (2010, p.12), as “noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes” e a cor da pele emana poderes indizíveis que dão visibilidade ao branco, ensejando o obscurecimento do negro. Cuti (2010, p.15-16) afirma que “nos quatro primeiros séculos, escritores ficaram à mercê das letras lusas”, fazendo com que a literatura que aqui se produzia reutilizasse, em linhas gerais, a imagem de negro construída no mundo ocidental e eurocêntrico, que representava o negro sob a ótica do inumano. Cuti (2010, p.43), ao criticar a expressão “afro”, defende o seu posicionamento dizendo que: “Ninguém escreveu em nenhuma camiseta: ‘100% afro-brasileiro’. Essa expressão não provocaria qualquer entusiasmo, ‘100% negro’ é manifestação nas ruas, da vida que pulsa fora da universidade, fora de seu controle.”

Ironides Rodrigues, em declaração a Luiza Lobo (2007, p. 266 apud DUARTE, 2008, p. 2), ratifica esse conceito de literatura negra:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro.

Para Duarte, tal conquista deve-se ao florescimento de escritores, na década de 1980, empenhados em desenvolver uma sintaxe que servisse aos interesses dos negros, inspirada no desejo de pertença a uma etnicidade afrodescendente. A publicação da

série *Cadernos Negros* é o ponto de partida para a criação da literatura negra brasileira, marcada pela contestação do racismo, da discriminação social e pela consequente afirmação da cultura negra. Nesse sentido, estabelece um diálogo crítico com a sociedade brasileira, dando ênfase à individualidade do negro. Para Duarte (2008, p.4), “a série *Cadernos Negros* ultrapassou três décadas de publicação ininterrupta e um romance voltado para o resgate da história não-oficial dos escravizados e suas formas de resistência, como o ‘épico’ *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006)”. Portanto, a investigação corrobora o sucesso de uma literatura múltipla, engajada, distinguida nos quatro cantos do Brasil e caracterizada ao mesmo tempo enquanto atividade literária e forma de resistência.

Em contraposição, o mesmo autor tece comentários sobre a frequente não inserção dessa literatura nos espaços autorizados pela produção do conhecimento, a saber, academias, editoras, instituições governamentais. A reflexão teórica, sobretudo, ainda se encontra muito aquém do esperado, sendo necessário alargar esse campo de pesquisa, que, no século XX, ficou praticamente a cargo de investigadores estrangeiros, tais como Bastide, Sayers, Rabassa e Brookshaw, entre outros (DUARTE, 2008).

O conceito de literatura afro-brasileira, por sua vez, tem suscitado inúmeras críticas e também adesões contundentes. Aditivamente, sobre isto, Evaristo afirma: “[...] a partir do exercício de pensar a minha própria escrita venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina, no interior dessa literatura”. Assim, Evaristo defende não só a expressão denominada literatura afro-brasileira, mas também o recorte da escrita de autoria feminina negra dentro desse campo literário. Nesse sentido, a autora discorre sobre a “existência de um *corpus* literário específico na literatura brasileira. Esse *corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens e mulheres negras”, na sociedade brasileira. Há, ainda, os que defendem a impropriedade da nomenclatura afrodescendente, mesmo entre os escritores, leitores e estudiosos afro-brasileiros, pois acreditam na possibilidade de uma “arte universal”, em vez de sublevar a experiência do negro ou instituírem um fazer ou escrever à maneira afro-brasileira.

Ressalte-se que, para Damasceno (1988, p. 13 apud DUARTE, 2008, p.3), “o ‘menos importante’ é a ‘cor do autor’”, o que a faz incluir Jorge de Lima, Ascenso Ferreira e Raul Bopp entre os poetas estudados, pois “importa mais corresponder ao critério temático do que descrever a cor do autor”. Benedita Damasceno (1988, p. 13 apud DUARTE, 2008, p.3), por seu turno, demonstra, enfaticamente, a inexistência de uma “estética branca”, refutando analogamente a existência de uma “estética negra”. Contudo, a autora assinala que “há sensíveis diferenças entre a poesia negra escrita por afro-brasileiros e a escrita por brancos” (DAMASCENO, 1988, p. 125 apud DUARTE, 2008, p.3).

Acerca da literatura afro-brasileira, Luiza Lobo (2007, p. 315 apud DUARTE, 2008, p.5) pontua a seguinte concepção:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo).

Nessa perspectiva, o termo literatura afro-brasileira é o que melhor se aplica ao campo dos estudos literários, por ser capaz de abraçar outras literaturas, apresentando as variadas expressões étnicas incluídas na narrativa. Em outras palavras, grande parte dos autores dos *Cadernos Negros* adota a formulação, originada no livro de Roger Bastide (1943), seguido de Cruz e Sousa, também presente nas discussões de Moema Augel e de Luiza Lobo (1993, 2007):

Nesse contexto, vejo no conceito de literatura afro-brasileira uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Cuti, passando pelo “negro ou mulato, como queiram”, de Lima Barreto –, quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isto mesmo, inscreve-se como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária. (DUARTE, 2008, p.6).

Por esse enquadramento, a literatura afro-brasileira é portadora de elementos que a distinguem significativamente na cena cultural do Brasil e da África, revelando confluências originárias do trânsito estabelecido entre esses espaços. Situa-se, portanto, para além das fronteiras geográficas e literárias que as engendram, desafiando as vertentes africana e brasileira integrantes do seu fazer literário.

Os elementos, incorporados na produção afro-brasileira, chamados de identificadores, na definição de Duarte (2008, p.7), classificam-se por: “uma voz autoral afrodescendente [...] temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva [...], mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação [...]”.

Em síntese, o conceito de literatura afro-brasileira explicita algumas especificidades das literaturas africanas e da literatura brasileira. A literatura afro-brasileira trabalha com a noção de uma literatura em devir, sob mutação, oscilante entre dois polos, ou seja, nem é só africana nem exclusivamente brasileira, todavia recebe influências das duas vertentes. Ao mesmo tempo, o sujeito étnico autoral insere-se nesse espaço duplo de um sujeito que não só se diz africano, mas também se vê como brasileiro.

Evaristo (2011, p. 133), ao trazer à tona reflexões sobre a condição da subjetividade negra, a partir das próprias vivências dos escritores negros, propõe-se a discutir não a nomenclatura da literatura que melhor se filia à identidade negra, mas sim “o ato de fazer, pensar e veicular” a representação literária dos negros. Para tanto, evidencia que:

[...] a partir do exercício de pensar a minha própria escrita venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina, no interior dessa literatura. Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o ‘ponto de vista’ do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma subjetividade própria vai construindo sua escrita, vai inventando, criando o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um corpo-mulher-negra em vivência e que por ser esse o meu

corpo, e não outro, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimentaria. (EVARISTO, 2011, p. 132).

Sendo assim, de acordo com essa autora, a escrita afro-brasileira pressupõe a exaltação aos atributos físicos e valores morais dos negros, descrevendo-os de uma maneira celebratória, em oposição aos padrões da literatura brasileira canônica, que erige personagens estereotipados e invisibilizados textualmente. Enfim, em se tratando da representatividade negra, há que se atentar para o caráter comprometido da literatura, a insubordinação presente nas falas e atitudes dos personagens, além do mais, o alto nível de questionamento desfigurador das ações provoca a quebra dos contratos literários, insinuando a co-presença da dimensão política na literatura afrodescendente.

A par de tais considerações e definições, neste trabalho adota-se o termo literatura afro-brasileira para o campo no qual se insere o romance *Ponciá Vicêncio*, selecionado para análise: dada a amplitude e abordagem da presença do outro na narrativa, a partir da diferença étnica, inscrita no termo afro, comportando a ideia da negritude ou herança negra, projetada especificamente para o âmbito dos estudos literários.

Com relação às questões identitárias, entende-se que os discursos hegemônicos da modernidade foram abalados, e com eles a noção de identidade una; portanto, fala-se atualmente em identidades de ruptura, identidades em trânsito, em um “estar sendo”, como também em descolonização das identidades, ou como no termo aqui adotado, em identidades fraturadas. Para Hall (2003), o sujeito está em processo de formação cultural, a cultura implica construção ontológica, não de ser, mas de tornar-se, fazer-se, transitando para um número ilimitado de identificações culturais, descobrindo o seu verdadeiro processo de “estar sendo”, acepção de Tutikian (2014, p.61), segundo a qual “as identidades são um estar sendo sempre sujeito a fenômenos de inclusão e de exclusão, de contradições internas, e mesmo de jogos de poder”.

Os diversos Brasis abrigam uma multiplicidade de formações identitárias, que, como se constata, ora se constituem pela assimilação impositiva, ora de modo tácito, reforçando a expressão “na minha casa há muitas moradas”, utilizada por Appiah (1997, p. 11) para se referir às múltiplas identidades do seu pai. Em contrapartida, se, por um lado, há o perigo da colonização de identidades, muito presente no colonialismo em suas diversas facetas (português, espanhol, inglês, etc.), por outro, existe a impossibilidade de se falar sobre fechamento identitário, em termos culturais. Os discursos hegemônicos da modernidade foram abalados, e com ele a noção de identidade una; portanto, fala-se atualmente em identidades de ruptura, identidades em trânsito, em um “estar sendo”, como também em descolonização das identidades, ou como no termo aqui adotado, identidades em trânsito.

Reconhecendo-se as linhas tênues entre as atuais fronteiras culturais do mundo, os limites modernos que impunham contornos espaciais e demarcavam a representação das identidades culturais foram removidos, dando lugar a novas formações identitárias no pós-colonial. Conforme Hall (2003), a pluralidade de antagonismos residentes na diferença cultural não é entendida enquanto composição de uma identidade essencialista; dito de outro modo, não produz mais identificações sólidas nos indivíduos. De sorte que se projetam as tensões geradas no âmago das identidades, pois até mesmo a “identidade negra é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual” (p.12) e por questões de poder.

A formatação da identidade cultural, isto é, como as identidades são fundadas na pós-colonialidade, torna-se crucial para leitura dos novos paradigmas que se instalam

nas sociedades pós-coloniais. Nesse sentido, a identidade está fadada a polêmicas teóricas de toda ordem, especialmente no que tange a sua fragmentação. Ultimamente compreendida no entrelaçamento dos variados fios identitários, a identidade deixou de ser uma e passou a ser concebida como espectro de inesgotáveis possibilidades de afirmação.

Nesse sentido, reflete-se, a seguir, sobre o “estar sendo” negro/a no romance *Ponciá Vicêncio* (2003), retomando-se a epígrafe de Mia Couto (2013, p.25): “porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens”, e mulheres, completamos nós: trata-se de um processo de construção identitária imerso nos próprios contornos socioculturais, para além apenas das vicissitudes da existência.

3. Identidades em trânsito em *Ponciá Vicêncio*

O romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, converge para a consolidação de uma literatura situada sobre os afrodescendentes e suas mazelas. Igualmente comprometida com essa vil realidade, a obra questiona o lugar marginal a eles destinado, tanto na representação literária quanto na vida material. De acordo com Cuti (2010), a luta que se instaura na literatura é ideológica, ao questionar os caminhos da exclusão percorridos pelo negro. Desse modo, a obra em questão não se furta dessa luta:

Além de apresentar uma trama psicológica e emocional complexa, Ponciá Vicêncio retrata e analisa questões sociais e raciais, pois até mesmo o sobrenome ‘Vicêncio’ era herança da escravidão negra. Aquele sobrenome era uma ‘lâmina afiada a torturar-lhe o corpo’, pois havia na assinatura dela a marca do poderio do Coronel Vicêncio, ‘dono dos seus bisavôs’. O texto aborda a exploração que ainda existe na zona rural, fala do trabalho em regime de semiescravidão, da exploração do trabalho do campo, do coronelismo, da migração do campo para as cidades, da indiferença da Igreja com os sem-casa, do trabalho das empregadas domésticas, do analfabetismo e da vida nas favelas. (BARBOSA, 2003, p. 7).

A leitura do romance em estudo conduz o leitor a um mergulho “de dentro para fora”, isto é, de dentro da personagem para a exterioridade ao seu redor. A sensação produzida no leitor é de poder olhar “por dentro” a vida interior de Ponciá, desvendando o seu estado de alma e os pensamentos secretos. Acrescenta-se que o mergulho se dá também de dentro do presente para fora do passado, como relatado no Prefácio: “a voz narrativa permite ao leitor se esgueirar com a protagonista pelos meandros da sua memória” (BARBOSA, 2003, p.6). O texto vasculha cada ponto, vírgula e interrogação, expondo as rupturas intrínsecas do processo histórico e familiar vivido pela protagonista, de igual modo, determinantes em sua constituição identitária, saltando da convenção de identidade “rígida” para a reflexão de várias outras identidades em Ponciá.

A despeito da dimensão subjetiva do/a negro/a inscrita no interior da obra, o tecido escrito amolda-se de tal modo ao corpo dos pensamentos, sentimentos e falas de Ponciá que traduzem uma relação simbiótica entre ambas: a escrita negra perpassa a construção da subjetividade negra. Partindo desse sistema, registram-se “travessias ontológicas” (BARBOSA, 2003, p.8) pelo ser da personagem; de sorte que, da infância

até a idade adulta, experiências íntimas são reveladas. Destaca-se, a seguir, o episódio em que Ponciá apalpa suas partes íntimas:

Diziam que se passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência a não ser os pêlos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. (EVARISTO, 2003, p.9).

Encontra-se presente, nesse trecho, a incorporação de elementos do imaginário mítico local, cujos objetos culturais são evocados na esteira das narrativas de tradição oral repassadas a Ponciá, tal como explicitado no mito da transformação do sexo, quando a personagem atravessa o arco-íris. Corrobora-se, assim, a posição de Duarte (2008, p. 7) em relação à predominância dos mitos na literatura afrodescendente: o autor ressalta que “a temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o novo mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade”.

Nesse sentido, a proposição de Evaristo (2011, p.131), no ensaio “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, acerca de um corpus literário específico na literatura brasileira, confirma-se no romance em questão, pois ele faz parte de uma literatura afro-brasileira não só porque foi escrito por uma mulher negra, mas, sobretudo, porque a subjetividade negra é poeticamente descrita, experimentada, vivida, instaurada e resgatada na obra. Independente dos fatos narrados, o texto reporta-se sempre a uma perspectiva negra sobre o/a negro/a, sobre o/a branco/a, envolvendo-os/as num arranjo social complexo e, na maioria das vezes, sem saídas para o negro. Ponciá, ao sair da roça para cidade, sonhara ser alguém, para tanto, empenhou-se em aprender a ler, no intuito de burlar a difícil rota da exclusão, conforme segue: “por aqueles tempos, pelo interior andavam uns missionários [...] quem quisesse aprender a ler, poderia ir. Ponciá Vicêncio obteve o consentimento da mãe. Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler” (EVARISTO, 2003, p.13).

Os fios identitários, tecidos e unidos, dão forma à identidade de Ponciá Vicêncio, que, ao captar as lembranças traumáticas da escravidão, da fome, da escassez, do desemprego e da ausência de um futuro auspicioso, agudiza em si mesma as consequências dos eventos passados sofridos pelos pais e avós, atualizando o sofrimento. Ao que parece, a constituição identitária da personagem é entalhada, tal qual o homem de barro, graças à conformação da identidade dos seus pais:

Ponciá Vicêncio nos arrasta consigo pelo processo de lembrar. O pai, que, a princípio, era uma vaga figura ou o avô de quem só se lembrava do ‘braço cotó’ ou do enterro, vão ganhando formas mais definidas à medida que a voz narrativa permite ao leitor se esgueirar com a protagonista pelos meandros da sua memória para compartilhar com ela as amargas ausências e desencontros, mas também para vivenciar com ela os seus sonhos, a sua coragem e a profunda ternura das relações familiares. (BARBOSA, 2003, p.6).

Diante disso, verifica-se em *Ponciá Vicêncio* (2003) que o estatuto da família, evocado através da memória social traumática, delineia a identidade da protagonista e os efeitos desse enquadramento identitário. As experiências da exclusão, no passado e presente, desencadeiam em Ponciá impactos “físico, psíquico e afetivo do trauma e suas consequências” (HIRSCH, 2008, p.104), na medida em que recorda, reativa, atualizando em si mesma esses impactos. Ela começa a andar e reproduz em seu corpo a consequência física do trauma:

surpresa maior não foi pelo fato da menina ter andado tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que Vô Vicêncio tinha morrido. (EVARISTO, 2003, p. 13).

A obra em análise detalha a condição de grupos subalternos negros na sociedade brasileira, expondo a difícil condição a que foram submetidos nas fazendas do antigo regime escravocrata. Desse modo, o romance afro-brasileiro, de modo particular Ponciá Vicêncio (2003), divulga o pensamento alternativo ou contraepistemológico dos subalternos, acenando, na visão de Santos (2006), para o conjunto de textos teóricos pertencentes às chamadas Epistemologias do Sul. No romance, ficam evidentes as implicaturas da colonialidade do poder, discutida por Quijano (2005), no contexto da racionalidade específica do eurocentrismo, exercida pelo Norte Global, a partir da ideia de raça (etnia) dentro da relação de dominação colonial, em face do Sul Global e metafórico do sofrimento humano.

Nessa linha argumentativa, Quijano (2009, p. 110) admite que “essa classificação social diferenciada entre o centro e a periferia colonial foi o mecanismo central da engrenagem de acumulação global em benefício do centro. De fato, foi o que permitiu produzir, manter e custear a lealdade dos explorados/dominados negros perante as raças” quer seja na periferia colonial, quer seja no centro. Assim, representam-se as evidentes diferenças verticais entre os personagens na narrativa, ora divididos pela cor da pele, ora pela posição social: de um lado, o sinhô branco, rico, e de outro, o escravo, negro e pobre:

Aprendera a ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço. Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor e suas lágrimas. (EVARISTO, 2003, p.14).

Seguindo a proposição de Hall (2005) sobre a fragmentação da identidade cultural, verifica-se, nessa narrativa de Evaristo, a presença de Outros no Mesmo. Constata-se, por exemplo, que o próprio nome, Ponciá Vicêncio, herança da escravidão, não a define, não a identifica, e a torna estranha a si mesma, é um Outro a nomeá-la e a estar dentro dela:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas

insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. (EVARISTO, 2003, p.16).

Para Bonicci (1998, p.9), citando Ashcroft e outros (1991), mesmo considerando-se todas as suas diferenças, essas literaturas têm origem na “experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial”. De acordo com a proposição de Hall (2005), pode-se entender que o texto denuncia uma identidade fragmentada por questões de poder. Com o intuito de desvendar as “fraturas” presentes na constituição identitária de Ponciá, originada do trânsito/fluxos geográficos e culturais que conectaram a personagem a outras instâncias sociais de poder, problematiza-se o sentido do seu próprio nome, ficando evidente um drama psicológico e um conflito existencial por trás dele:

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante [...] Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro [...] O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos da terra e dos homens. (EVARISTO, 2003, p. 27).

Em meio aos flashes da dura realidade do presente infame ou do passado escravo de seus pais e avô, a personagem quer a todo o tempo se reconstruir, no entanto, fica clara a sua efetiva desconstrução identitária. Dessa forma, Ponciá reúne em si fortes evidências de assimilação da identidade dos Outros por ser tributária da constituição identitária do avô, do pai e da sua mãe, cujas identidades, por sua vez, estão atravessadas pelas relações assimétricas de poder, exprimindo as contradições e tensões próprias deste arranjo. Afinal, segundo Quijano (2009, p. 112), “a naturalização das instituições e das categorias que ordenam as relações de poder que foram impostas pelos vencedores/dominadores, tem sido, até agora, o seu procedimento específico”, atuando também na formação e dominação de identidades sociais, segundo os objetivos estipulados para estabelecer o padrão do poder eurocentrado branco. Esse aspecto evidencia-se no fragmento a seguir, em que o pai de Ponciá tipifica o dominado, porque subserviente à ordem do dominador dentro do conjunto dessas relações de poder. Produz-se o silenciamento e processos de desumanização, consoante Migliovich-Ribeiro (2014, p.66), sob a égide do neocolonialismo, para dominar mediante a diferença colonial, nesse caso, em relação ao negro/a:

O pai de Ponciá não era dado a muitos risos, caladão, quieto, guardava para si os sentimentos [...] Quando menino, não. Apesar dos mandos do sinhozinho e da aparente obediência cega, que era obrigado a demonstrar, ele revelava as suas tristezas com imensas lágrimas, assim como gritava alto os seus risos. E o máximo que fazia, se descontente estava, era resmungar, mas tão baixinho e com os lábios tão cerrados, que os resmungos caíam para si próprio, numa discordância funda e nula. (EVARISTO, 2003, p.29, grifos nossos).

As lembranças das memórias do pai, do avô Vicêncio, da mãe Maria Vicêncio e do irmão Luandi, conforme citado anteriormente, absorvem grande parte do seu tempo, consumindo a sua existência. Ponciá sente-se presa a estas lembranças, que a todo o

tempo negociam a condição de negra, pobre e neta de escravos, e a oportunidade de se evadir deste estado para outro bem melhor. No exaustivo e repetitivo exercício de descobrir-se, por diversas vezes, Ponciá ausenta-se de si mesma e, tal como Vô Vicêncio, enlouquece, porquanto o que lhe resta são identidades cheias de solidão e vazios que transformam a sua história em fragmentos da história dos seus: de um passado colonial marcado pela exploração/dominação/escravidão. Herdeira da experiência traumática intergeracional da escravidão vivida por Vô Vicêncio e o pai, sua identidade passa a ser constituída por uma multiplicidade de sujeitos do seu passado, recuperados reiteradas vezes em seu presente pela lembrança:

[...] Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu o cheiro de café fresco e de broa de fubá, feitos pela mãe. Escutou o barulho do irmão se levantando várias vezes à noite, e urinando lá fora, perto do galinheiro. Escutou as toadas que o pai cantava. Escutou os galos cantando na madrugada, no galinheiro vazio. Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros-risos do homem-barro que ela havia feito um dia. (EVARISTO, 2003, p. 57).

No tocante à relação identidade e memória, acredita-se que a identidade tem o seu lastro na reconstituição do passado e, paralelamente a isso, a memória constrói a identidade. Essa intersecção resultou na formação de uma identidade em processo de intermitente constituição: em Ponciá, o presente escapa de suas mãos para se instalar fixamente no passado, de sorte que, ao revisitar a memória da segunda geração, agoniza-se, aniquila-se, sofre mutações no espírito, mente e corpo, assim sua identidade se multiplica para vários Outros fraturados do seu avô, da sua mãe, do seu pai e do seu irmão Luandi, além do Coronel Vicêncio. Não restam dúvidas de que Ponciá é, de fato, um sujeito em trânsito seja pelas múltiplas fronteiras da exclusão, sendo herdeira direta das consequências da escravidão de seus antecessores. Além disso, a personagem tenta romper o circuito da vida escrava a que estava destinada:

De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2003, p.84).

A realidade é suspensa e a ficção acrescenta mais um destino fatídico para a personagem negra na literatura: a insanidade mental. Na discussão desenvolvida por Cuti (2010, p. 65), resultante de análises sobre a trajetória do negro nos romances brasileiros, de modo geral, o narrador é um sujeito étnico branco, portanto, a representação do negro se dá pela via do “desajustamento psíquico e moral”. A flagrante loucura de Ponciá denota a dificuldade de lidar com as fraturas presentes na sua formação identitária. Na cena a seguir descrita, a personagem encontra o seu irmão Luandi em plena estação, todavia, a insanidade havia roubado a sua compreensão da realidade:

O nome Ponciá Vicêncio ecoou na estação como um apito do trem e ela nem prestou atenção alguma ao chamado. Andava, chorava e ria, dizendo que queria voltar ao rio. Luandi acercou-se carinhoso da irmã, dizendo-lhe que sabia o caminho do rio e que haveria de levá-la. Ponciá levantou os olhos para ele, mas não se podia dizer se ela o havia reconhecido ou não. Abriu, porém, a trouxa, tirou o homem-barro e perguntou ao irmão se ele se

lembrava de Vô Vicêncio. Ele, que até então, à custa de muito esforço, tinha o pranto preso, abraçou chorando a irmã. (EVARISTO, 2003, p. 126).

Acredita-se que a loucura de Ponciá revelada, particularmente, pelo andar em círculos, embora aparentemente esteja relacionada à concepção de fragilidade e impotência diante da exclusão e/ou traduza um movimento cíclico de repetição da vida esperada para os negros, consiste em uma atitude de resistência e contestação da história de sofrimento dos afrodescendentes no passado que, apesar das idas e voltas, perpetua-se no presente. O que Ponciá não deseja é repetir a história dos seus iguais. Nesse sentido, a personagem sente-se desajustada ao mundo urbano de maioria branca, que a coloca sempre na posição de empregada-escrava, sob pena de viver na miséria, senão em um isolamento social irremovível.

Pode-se, assim, reconhecer o sentido de identidades em trânsito para o caso da trajetória de Ponciá: em primeiro lugar, o processo de constituir-se implica reconstituição do passado familiar, social e da escravidão; em segundo lugar, nela estão presentes múltiplas plataformas identitárias, dadas as diversas fronteiras da exclusão social, de gênero, classe, etnia. Em resumo, Ponciá é um “sujeito único” e, ao mesmo tempo, “múltiplo”, que transita entre vários tempos, espaços e cenas culturais, tal como destacado no fragmento subsequente:

Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela; no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espço. Lá estava a sua menina única e múltipla (EVARISTO, 2003, p. 129).

Posto que Ponciá reproduzisse as mesmas características do avô, ela também trazia consigo a vontade de criar outro destino: “a irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio [...] herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino” (EVARISTO, 2003, p. 131). Ponciá almejava imprimir um significado, um sentido para a vida mediante o trabalho com o barro, “buscava ainda significar as mutilações e as ausências que também conformam um corpo” (EVARISTO, 2003, p. 131).

A arte para a qual se voltava era uma espécie de obra viva que tentava criar, recriar, “reinventando sempre e sempre”, como se persistisse a reinventar a vida. A performance de Ponciá mistura sentimentos, sensações e comportamentos contraditórios, a exemplo da repetição dos risos e choros de Vô Vicêncio, híbridos, comprovando a fragmentação identitária do poder/saber/ser que se manifesta como de natureza dialética na personagem, sendo, ao mesmo tempo, “aquela que havia pranteado no ventre materno e que gargalhara nenéns sorrisos ao nascer, tinha risos nos lábios, enquanto todo o seu corpo estremecia num choro doloroso e confuso” (EVARISTO, 2003, p.131).

4. Considerações finais

A ambivalência é um dado peculiar em Ponciá, pois, no romance, a personagem oscila entre diversos polos: da situação de exclusão social e racial em um regime de semiescravidão na zona rural à dura realidade da vida nas favelas, bem como de vítima

da violência doméstica e social imposta pelo poder patriarcal à vítima do analfabetismo funcional. Ao modelar o barro, “moldando alguma matéria viva, desfiava fios retorcidos de uma longa história” (EVARISTO, 2003, p. 132), que pode ser entendida como exemplar ao permitir questionar acerca dos processos envolvidos na sua constituição identitária, no poder pertencente aos sujeitos imperiais brancos, na violência de gênero a que tantas vezes as mulheres negras foram submetidas e nas práticas de racismo sofridas. Ponciá lembrava e se perdia nessas lembranças, mas “lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio” (EVARISTO, 2003, p. 132).

À medida que aumenta o desencanto de Ponciá, com suas fraturas identitárias, atravessadas pelas relações assimétricas de poder, cresce, na mesma proporção, a sua consciência crítica às demandas sociais, políticas e representativas dos negros. Ponciá, no fim do romance, já não é mais a mesma, pois haviam se entranhado nela sólidas perspectivas do que se pode reconhecer como decolonialidade do poder, saber e ser. Assim, Ponciá admitia-se como o Outro, pretendendo alcançar outro-lugar, com outro saber, estabelecendo para si uma outra história.

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BONNICI, T. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- COUTO, Mia. “O apocalipse privado de tio Geguê”. In: COUTO, Mia. *A menina sem palavra*. Lisboa: Editorial Caminho, 2013, p. 25-33.
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 31. Brasília, UnB, janeiro/junho, 2008. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/data1/artigos/artigoeduardoassis2.pdf>>. Acesso em: 16/06/2016.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: ALMEIDA SILVA, Denise; EVARISTO, Conceição (Org.). *Literatura, história etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. Frederico Westphalen, RS: URI, 2011.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HIRSCH, Marianne. *The Generation of Postmemory*. *Poetics Today* 29, nº 1, Spring 2008, p. 103-128. Disponível em: <<http://poeticstoday.dukejournals.org/content/29/1/103.abstract>>. Acesso em: 05/05/2016.
- LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. *Revista Civitas*, Porto Alegre v. 14, n. 1, p. 66-80 jan.-abr. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civi>>

tas/artile/view/161.Acesso em: 24/05/2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Argentina: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Tonico/2s2012/Texto_1.pdf>. Último acesso em 07/05/2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

TUTIKIAN, Jane. Ungulani Ba Ka Khosa: o romancista das memórias marginalizadas. *Revista Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 11, pp. 60-76, jul./dez. 2014.